



DIOCESE DE COIMBRA
PLANO PASTORAL 2017-2020
CARTA PASTORAL DO BISPO DE COIMBRA

1. INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II, recolhendo o sentir de uma tradição contínua, declarou de novo que a Igreja peregrina é chamada por Cristo a uma reforma perene, que consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação (cf *Unitatis Redintegratio*, 6).

Na esteira desse grande acontecimento da história da Igreja contemporânea, procuramos pôr-nos em atitude de escuta da Palavra da Escritura e da voz do Espírito Santo, que nos iluminará na descoberta dos caminhos mais adequados para o anúncio do Evangelho no nosso tempo. É nessa perspetiva que assumimos como missão: “Diocese de Coimbra, comunidade que vive a fé e anuncia o Evangelho como caminho de encontro pessoal com Cristo, Único Salvador, e com a sua Igreja”; e como visão: “Alicerçados em Cristo, formamos uma comunidade de discípulos para o anúncio do Evangelho”.

Vivemos num período da história da Igreja e da nossa Diocese em que se deram inúmeras mudanças, que exigem um grande trabalho de renovação. Consciente desta necessidade, já na Carta Pastoral *Comunidade de Discípulos para o Anúncio do Evangelho*, de 2013, vos escrevia: “Entre nós operou-se uma mudança epocal no que respeita à adesão à fé e ao Evangelho, à pertença à Igreja, aos valores que conduzem a vida privada e familiar ou a vida social e cultural”. E mais adiante afirmava: “A Diocese de Coimbra é terra de missão, é terreno a evangelizar, pois partilha de todos os fenómenos referidos e comuns ao mundo em que vivemos”.

Como metodologia que nasce da identidade da própria Igreja, Povo de Deus e mistério de comunhão, rica de dons, carismas e ministérios em ordem ao bem de todo o Corpo, prosseguimos pelo caminho da sinodalidade. Nesse sentido, propusemos aos membros das comunidades cristãs que se unissem num dinamismo sinodal em ordem à avaliação da execução do Plano Pastoral 2013-2016 e à elaboração de propostas para o

Plano 2017-2020, fazendo uso do direito que lhes assiste de serem membros vivos, participativos e corresponsáveis no processo de edificação e renovação da Igreja.

Com base no guião previamente preparado e distribuído, os grupos fizeram o seu trabalho, nas paróquias, nas unidades pastorais, nos movimentos e outras estruturas da vida da Igreja. O resumo foi feito pelos arceprestados e a síntese final coube ao Secretariado da Coordenação Pastoral. Depois de ouvido o Conselho Presbiteral e o Conselho Pastoral da Diocese chegou-se às propostas, que agora devolvo a toda a Diocese, na certeza de que são fruto de um largo consenso, adequadas ao sentir eclesial e iluminadas pelo Espírito Santo.

O dinamismo sinodal, que decorreu ao longo do último ano pastoral, teve bom acolhimento das comunidades, apesar de ainda estarmos pouco habituados a assumirmo-nos como corresponsáveis na edificação da Igreja do Senhor, tanto nos momentos de avaliação, como nos de proposição e de execução de planos que conduzam à realização, no tempo presente, da vocação da mesma Igreja. Na fidelidade à identidade da Igreja - que é, toda ela, sinodal - entendemos que um dinamismo sinodal como o que realizámos é apenas a expressão pontual daquilo que há de ser a forma de sermos Igreja na Diocese de Coimbra em todas as suas instâncias: Povo de Deus que caminha unido entre si e em comunhão com a Santíssima Trindade, para que resplandeça cada vez mais como Povo Santo e Igreja Sacramento Universal de Salvação.

O Plano Pastoral para o triénio de 2017-2020 constitui um salto qualitativo de grande alcance para a vida e futuro da Igreja Diocesana.

Em primeiro lugar, verificamos que houve uma considerável evolução no processo de elaboração do Plano Pastoral. Ele é fruto de uma caminhada sinodal e o resultado possível de uma pedagogia radicada na identidade de uma Igreja mistério de comunhão, tal como a caracterizou o Concílio Vaticano II, na qual todos são chamados a ser corresponsáveis.

Em segundo lugar, o Plano Pastoral não se apresenta completo nem fechado, como se fosse uma realidade aplicável de forma indiscriminada a todas as realidades e lugares da Diocese. Quisemos que deixasse campo aberto à concretização e aplicação local dos objetivos gerais, no respeito pela diversidade e especificidade de cada unidade pastoral.

Em terceiro lugar, este Plano Pastoral dirige-se, pela primeira vez, de uma forma muito direta à unidade pastoral, enquanto base cada vez mais efetiva da organização e

da vida pastoral da Diocese. Confiamos, pois, na disponibilidade, contributo e dinamismo de cada unidade pastoral, com o pároco, o conselho pastoral e a equipa de animação pastoral, em ordem à concretização e implementação dos objetivos propostos a toda a Diocese de Coimbra.

O presente Plano Pastoral Diocesano constitui um apelo à responsabilidade de todas as instâncias eclesiais, como são os secretariados e serviços diocesanos, os movimentos apostólicos e de espiritualidade, os institutos de vida consagrada, todas e cada uma das comunidades cristãs, com todos os seus membros, carismas, serviços e ministérios. Uma vez que todos fomos chamados a fazer avaliação do passado e a apresentar propostas para o futuro, agora somente podemos lançar-nos na aventura da execução, contando com o auxílio de Deus e com a fé da comunidade cristã.

Diante da dificuldade mais comum que sentimos para implementar um Plano Pastoral, e que tem a ver com a diversidade de contextos humanos, culturais, sociais e geográficos da Diocese, cabe aos arceparquianos e às unidades pastorais a nobre missão de discernirem, à luz do Espírito, baseados na reflexão dos órgãos de corresponsabilidade e em comunhão com a Igreja Local, quais os meios e modos mais aptos para alcançar os objetivos comuns oferecidos a todos.

2. APROXIMAI-VOS DO SENHOR (1 Pd 2, 4).

Tomamos como lema do Plano Pastoral 2017-2020 a expressão retirada de 1 Pd 2, 4, “aproximai-vos do Senhor”, inserida no contexto mais vasto de 1 Pd 2, 4-10. Este pequeno texto constitui um centro bem marcado da Primeira Epístola de Pedro, que se ocupa da vida nova que há de caracterizar os crentes convertidos a Jesus Cristo.

O capítulo 1 da Primeira Epístola de Pedro ocupa-se da novidade da fé e do batismo, que tem de ter consequências existenciais para o que renasceu pela água e pelo Espírito: abandonar a vida passada (cf 1 Pd 2, 1) e crescer para a salvação (cf 1 Pd 2, 2), despojar-se dos vícios antigos como se de roupas velhas se tratasse, para se revestir das vestes brancas próprias de quem foi lavado nas águas do batismo.

A partir de 2, 11, a Epístola oferece uma série de exortações concretas a todos os que se decidiram por Cristo. Essas exortações tratam os mais variados campos da existência humana, pois todos eles precisam de ser iluminados por Cristo, a pedra fundamental da construção da vida dos cristãos.

O texto da Primeira Carta de Pedro, que escolhemos (1 Pd 2, 4-10), apresenta, portanto, Jesus como pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e preciosa aos olhos de Deus (cf 1Pd 2, 4), deixando bem claro que Ele é o centro da fé cristã e a realização do plano de Deus em favor da humanidade, o centro absoluto da nossa vida pessoal e eclesial, Aquele que nos transforma e que faz novos todos os nossos comportamentos e atitudes.

Ao citar Isaías 28, 16, a Primeira Epístola de Pedro retoma o tema bíblico da pedra angular, ali referida a Deus e, agora, a Jesus Cristo, o fundamento sobre o qual se edifica a Igreja, sacramento da salvação querida pelo Pai.

Todo o texto está dominado pela expressão “aproximai-vos d’Ele”, ou seja, “do Senhor”, que pode entender-se em dois distintos sentidos.

Em primeiro lugar, uma vez que o Senhor Jesus é a pedra rejeitada pelos homens, aproximar-se d’Ele significa tomar partido por Ele, decidir-se por Ele, escolhê-l’O como seu mestre e tornar-se seu discípulo. Ao fazer-se esta escolha está-se bem consciente de que outros O recusam e O desprezam; sabe-se igualmente que podem rejeitar juntamente com Ele aqueles que O elegeram como seu Senhor e Mestre. Supõe-se, igualmente, que o encontro com Jesus exige sempre uma tomada de posição a favor ou contra, que não se pode ficar indiferente diante do Senhor. O distintivo da fé consiste em escolher Jesus Cristo, O Filho de Deus, como a rocha firme sobre a qual se quer assentar a totalidade de uma vida pessoal. A partir da fé, uns escolhem-n’O e, na incredulidade, outros rejeitam-n’O; uns aproximam-se d’Ele, outros afastam-se d’Ele, mas ninguém pode conhecer Jesus e ficar indiferente diante d’Ele, pois Ele é, ao mesmo tempo, uma pedra que faz tropeçar, ou seja, uma pedra de escândalo (cf 1 Pd 2, 8).

Em segundo lugar, aproximar-se do Senhor significa um apelo a pôr-se a caminho para se encontrar com Jesus, para estar com Ele, para permanecer n’Ele, para estar em comunhão com Ele, para O tomar como modelo da vida e se crescer na identificação com Ele. Sendo Ele pedra viva, os cristãos ao encontrarem-se com Ele recebem d’Ele a vida, ou seja, estabelece-se uma relação vital entre Cristo e os crentes que aceitam o convite para se aproximarem d’Ele. Não esquecemos que noutros lugares do Evangelho, o próprio Jesus se apresentou como aquele que veio trazer a vida e a vida em abundância (cf Jo 10, 10) e noutra ocasião disse claramente “Eu sou a Vida” (Jo 14, 6).

“Também vós – como pedras vivas – entraís na construção de um edifício espiritual” (1 Pd 2, 5). A Epístola estabelece um paralelismo entre Jesus, pedra viva, e os cristãos que se aproximam d’Ele e são igualmente chamados pedras vivas, que entram na construção de um edifício espiritual, “em função de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1 Pd 2, 5).

Trata-se de acentuar a referida relação vital existente entre Jesus e os cristãos que recebem d’Ele a vida que circula neles, tal como a seiva circula entre os ramos e a cepa, segundo a alegoria da videira (cf Jo 15, 1-8). Os cristãos são aqueles que permanecem unidos a Cristo como os ramos à videira ou aqueles que são pedras vivas, que se aproximam e permanecem unidos a Cristo, a pedra viva, numa realização verdadeira do desejo que Jesus exprimiu diante dos seus discípulos: “Permanecei em mim, que Eu permaneço em vós” (Jo 15, 4).

Na Primeira Epístola de Pedro usa-se a imagem da construção, da casa, do edifício ou do templo, muito presente em outros textos das Sagradas Escrituras, imagem que ajuda a passar da compreensão de uma relação individual do cristão com Cristo para o âmbito da relação da comunidade cristã com o mesmo Cristo. Os cristãos, pedras vivas, reunidos como assembleia convocada, como povo, e unidos a Cristo, a pedra viva, tornam-se construtores do grande edifício espiritual, que é a Igreja do Senhor.

Todo o cristão, unido a Cristo e inserido na comunidade ou no povo ao qual foi chamado por eleição, participa do sacerdócio santo de Cristo, que o habilita a oferecer sacrifícios espirituais em ordem à edificação do edifício espiritual. Enquanto sacerdote, o cristão oferece a Deus as suas obras, próprias de quem se aproximou de Cristo, está em comunhão com Cristo, recebe a comunicação da Sua Vida e vive de acordo com a sua fé.

Os cristãos devem render infinitas graças a Deus porque foram chamados e escolhidos para acreditar em Jesus, para ser sacerdócio real, nação santa, povo adquirido. Podem agora proclamar as maravilhas de Deus porque alcançaram misericórdia e viram abrir-se-lhes as portas da salvação.

Chamados a aproximar-se do Senhor por meio da conversão, os cristãos encontram-se com Cristo, a pedra viva e a única salvação de Deus. Tudo se deve a Cristo, que os elegeu, os chamou, os constituiu em povo e os fez alcançar misericórdia. A única resposta que se espera é a oferta de sacrifícios espirituais, isto é, a oferta da própria vida em ação de graças, num conformar cada vez mais e melhor a vida e as obras com a fé.

Como pessoas e integrados no povo de Deus, os cristãos são exortados a aproximarem-se sempre mais do Senhor, a acolherem a Sua vida, a oferecerem o sacrifício da sua própria vida, a colaborarem na edificação do templo espiritual, a proclamarem as maravilhas de Deus que usou com eles de misericórdia e lhes abriu os caminhos da salvação.

Sendo convocado para se aproximar do Senhor, o cristão nunca é chamado a afastar-se do mundo. Antes pelo contrário, a comunhão com o Senhor Jesus, o conhecimento do seu amor, a força do Espírito que habita n'Ele reenvia sempre para o mundo aqueles que se deixam transformar por Ele.

A Primeira Epístola de Pedro, depois do convite “aproximai-vos do Senhor”, a pedra angular, oferece aos cristãos muitas outras exortações no sentido de terem um estilo de vida que exprima a sua opção por Cristo na sociedade, na política, nas relações interpessoais, na família: “tende entre os gentios um comportamento exemplar” (1Pd 2, 12); “atuai como homens livres, não como aqueles que fazem da liberdade um pretexto para a maldade” (1 Pd 2, 16); “respeitai a todos, amai os irmãos” (1 Pd 2, 17).

Aproximar-se do Senhor e permanecer n'Ele torna-se sempre condição para se produzirem muitos frutos na Igreja e no mundo: “Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto, pois, sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5).

3. OBJETIVOS

3.1. EVANGELIZAÇÃO

“A atividade missionária ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja”, afirmou São João Paulo II, na Encíclica *Redemptoris Missio* (nº40). Escrevendo no final do segundo milénio, tinha em mente a necessidade de alargar os horizontes do Evangelho ao mundo onde ainda não tinha chegado.

Na Exortação Apostólica *A Alegria do Evangelho*, o Papa Francisco retoma e assume as afirmações fundamentais de João Paulo II, dizendo: “«não se pode perder a tensão para o anúncio» àqueles que estão longe de Cristo, «porque esta é a tarefa primária da Igreja». A atividade missionária «ainda hoje representa o máximo desafio para a Igreja» e «a causa missionária deve ser (...) a primeira de todas as causas». (...) a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (*A alegria do Evangelho* 15).

Estamos a viver circunstâncias muito diferentes dos tempos em que a comunidade humana, a paróquia e a família realizavam naturalmente a missão de transmitir a fé às novas gerações. Estamos num tempo de crise em que essas instituições, ancoradas nas metodologias tradicionais da evangelização, perderam grande parte da capacidade de comunicar a fé.

Estamos num tempo em que as pessoas, inseridas numa cultura, numa sociedade e num sistema de valores plurais e distintos dos que dominaram no passado, não manifestam o mesmo tipo de abertura e de acolhimento do Evangelho. A fé e o Evangelho continuam a ser os mesmos, mas precisamos de os propor de formas diferentes, de modo que possam tocar as questões que verdadeiramente interessam à humanidade de hoje.

Sáímos de um mundo em que a fé e a dimensão religiosa e crente da vida se herdavam e passavam de geração em geração juntamente com muitos outros elementos de carácter social e cultural. Sem negar o lugar e a importância de um fio condutor da tradição e de uma história da transmissão da fé, enquanto garantias da identidade de um povo, sabemos que isso, hoje, não é suficiente para gerar convicções e definir opções pessoais. Para se ser crente e cristão na atualidade é preciso passar por um processo de conhecimento, acolhimento e apropriação de uma fé pessoal, assumida com a razão e com o coração, experimentada na vida e na comunidade, que se deseja e se procura como algo verdadeiramente marcante.

Evangelizar consiste, por isso, em propor o Evangelho de forma adequada, tendo em conta os dinamismos antropológicos determinantes da vida, dos valores, dos anseios, dos sentimentos e das expectativas das pessoas. Uma vez que evangelizar significa proporcionar condições para o encontro com a fé ou comunicar a fé, tem de privilegiar-se o testemunho, a relação interpessoal, o encontro, a partilha de vida no grupo, a comunhão na comunidade, sem perder de vista a informação acerca dos conteúdos da doutrina, da Sagrada Escritura, da liturgia ou da moral.

A evangelização tem como objetivo fazer cristãos, discípulos de Jesus Cristo, membros da Igreja, homens e mulheres que incarnam nas realidades do mundo um modo de ser e de estar iluminados pela Boa Nova do Reino.

Toda a programação da vida e toda a atividade dentro de uma comunidade cristã tem de ter uma intenção evangelizadora, uma vez que “a ação missionária é o *paradigma de toda a obra da Igreja*” (*A alegria do Evangelho* 15). Isso exige, como nos recordou o

Papa Francisco, uma mudança radical de perspectiva, quando se trata de pensar a vida das comunidades cristãs e as suas ações pastorais, litúrgicas, catequéticas e caritativas: “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação” (*A alegria do Evangelho* 27).

Este é também o sonho da Diocese de Coimbra, bem expresso na reflexão dos grupos de avaliação e proposta, realizada no último ano pastoral, em contexto de dinamismo sinodal. Reconhecemos que somos Igreja a precisar urgentemente de nova evangelização para a adesão à fé e Igreja enviada a anunciar a Boa Nova ao mundo distante de Deus, com novo ardor, novos métodos e novas expressões.

A fidelidade ao Espírito que conduz a Igreja em cada tempo e nos inspira os caminhos a percorrer em cada momento, leva-nos, enquanto Diocese, a passar de uma pastoral da conservação a uma pastoral ativamente missionária e evangelizadora. A todos os níveis, mas especialmente ao nível das unidades pastorais em crescente implantação, o dinamismo evangelizador deve tornar-se elemento central da vida e da programação de toda a ação pastoral.

A passagem da afirmação da identidade evangelizadora da Igreja a uma Igreja efetivamente missionária, supõe a mudança de mentalidade do povo de Deus, ministros ordenados, consagrados e leigos. Não basta dizer-se que tudo o que a Igreja faz é evangelização, o que nos deixaria numa situação muito cómoda, mas significaria continuar a agir pastoralmente no presente com se estivéssemos em tempos passados.

De acordo com o Plano Pastoral Diocesano, a afirmação da identidade evangelizadora da Igreja supõe que cada unidade pastoral inclua no seu plano específico propostas concretas de primeiro anúncio da fé; ações de aprofundamento da fé por meio da catequese, especialmente da catequese de adultos; percursos familiares de enraizamento na fé de todos os membros de acordo com cada fase da vida; modalidades de inserção ativa dos cristãos na sociedade, como sal e como luz.

3.2. ESPIRITUALIDADE

O Concílio Vaticano II resume o essencial da espiritualidade do cristão quando proclama a sua vocação universal à santidade: “todos na Igreja (...) são chamados à

santidade, segundo a palavra do Apóstolo: «esta é a vontade de Deus, a vossa santificação» (1 Tes 4, 3; cf Ef 1, 4). Esta santidade da Igreja incessantemente se manifesta, e deve manifestar-se, nos frutos da graça que o Espírito Santo produz nos fiéis” (*Lumen gentium* 40).

Sempre que esquecemos esta dimensão fundamental fazemos da fé um espiritualismo, fazemos da Igreja uma sociedade humana e fazemos da pastoral uma estratégia para alcançar resultados desejados. Falar de vocação à santidade significa acreditar que o mais importante é a nossa união pessoal e comunitária com Deus Pai por meio de Jesus Cristo e na comunhão do Espírito Santo.

O cristão é convidado a viver no Espírito de Deus e segundo o Espírito de Deus, que o conduz a discernir os caminhos da vida e a incarnar dentro de si e na sua relação com o mundo a grandeza do mistério que o envolve. Não pode haver cristão sem vida interior, ou seja, sem verdadeira vida espiritual, no sentido de vida animada pelo Espírito Santo, que realiza nos fiéis a obra admirável da comunhão com Deus.

A Igreja, Novo Povo de Deus, comunidade visível e invisível, humana e divina, é continuamente santificada e vivificada pelo Espírito Santo (cf *Lumen gentium* 4). É Ele que constantemente a recria e a faz renovar-se por meio da Palavra da Escritura e do Pão da Eucaristia, Cristo Ressuscitado e fonte da eterna novidade.

A evangelização, tarefa primordial da Igreja, não se pode realizar fora deste contexto da espiritualidade cristã, como refere o Papa Francisco: “Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração” (*A alegria do Evangelho* 262).

É dentro deste quadro teológico e doutrinal ressaltado pelo magistério conciliar e pós-conciliar que se pode entender corretamente a chamada ação pastoral da Igreja. Na atenção à voz do Espírito e procurando discernir quais os caminhos que nos oferece tendo em conta as circunstâncias próprios dos tempos em que vivemos, podemos delinear as linhas fundamentais da pastoral da Igreja, na esperança de que sejam as mais adequadas a este tempo favorável, que é o nosso.

Com humildade, temos de reconhecer que a dimensão espiritual da vida cristã, da organização da vida eclesial e da própria ação pastoral tem sido muito descurada. Precisamos de voltar a um cultivo da vida interior, de uma verdadeira espiritualidade

bem enraizada no batismo, na Palavra de Deus, na sagrada liturgia, na oração cristã, que alimente o mistério da nossa existência em Cristo, que fortaleça a nossa comunhão eclesial com o Deus Trindade e que torne real a nossa inserção no mundo como fermento, sal e luz.

São muito claras e oportunas as palavras do papa Francisco acerca do cultivo da vida espiritual como suporte único de toda a atividade dos cristãos: “É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se” (*A alegria do Evangelho* 262).

No contexto do dinamismo sinodal preparatório do novo Plano Pastoral, foram muitas as referências à necessidade de implementação de uma verdadeira espiritualidade cristã, bem incarnada e alicerçada em Deus Trindade. Nesse sentido, temos um longo caminho a percorrer, procurando que tudo o que somos e fazemos como cristãos e povo de Deus esteja conscientemente fundado no Deus Trindade.

No âmbito das unidades pastorais, somos especialmente convidados a dar um especial relevo à missa dominical como lugar privilegiado de crescimento na fidelidade ao Senhor, sobretudo pela preparação de todos os que servem a ação litúrgica e pela adequação dos horários e lugares da celebração.

Em segundo lugar, destacamos a necessidade de desenvolver os hábitos, métodos e formas de oração cristã, pessoal, familiar e comunitária que levem à unidade entre a fé e a vida, sob a condução do Espírito Santo. Destacamos, neste caso, a importância da leitura orante da Palavra de Deus (*lectio divina*), a adoração ao Santíssimo Sacramento, os momentos de oração e contemplação, as peregrinações e vigílias, a oração mariana, os retiros espirituais, a direção espiritual, a celebração do sacramento da Penitência.

3.3. ORGANIZAÇÃO

A Diocese de Coimbra está numa fase de aceleradas adaptações no que respeita à sua tradicional organização pastoral. Depois de longos séculos em que as paróquias constituíram a base organizativa fundamental, correspondendo normalmente a cada uma o respetivo pároco, passámos por grandes mudanças no que se refere à organização

do tecido social, à distribuição populacional, às características culturais, às referências religiosas, ao modo de acolher, celebrar e viver a fé cristã ou a pertença eclesial.

Houve igualmente uma reconfiguração das comunidades cristãs, na base da qual estiveram variados motivos, dos quais salientamos: a doutrina conciliar acerca da Igreja como Povo de Deus; a afirmação dos carismas e dons do Espírito em ordem aos serviços e ministérios; as novas modalidades de exercício do ministério ordenado, aliadas a uma notória diminuição de vocações sacerdotais, a um significativo aumento dos ministérios laicais e, mais recentemente, ao aumento do número de diáconos.

As novas circunstâncias em que a Igreja de Deus vive na Diocese de Coimbra e, genericamente em toda a Europa Ocidental, exigem um olhar crente, próprio de quem acredita que a obra é de Deus, e cheio de confiança e esperança na sua bondade e misericórdia para com todos os povos e em todos os tempos.

Os novos tempos exigem igualmente uma atenção muito especial à realidade, que só pode ser vista como uma possibilidade atual de encarnação do Evangelho, como um tempo favorável de graça, que nos pede para olharmos atentamente para os sinais dos tempos.

Atento à nova situação, o papa Francisco intuiu a necessidade de uma mudança de rumo na vida e ação da Igreja, que toque todas as suas dimensões e, concretamente, a sua dimensão organizativa, para estar ao serviço de uma ação pastoral mais eficaz: “A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (*A alegria do Evangelho* 27).

A unidade pastoral está a tornar-se a base da organização pastoral da Diocese, o que nos traz algumas exigências de mudança de atitude. Não basta estabelecer ligações entre um grupo de paróquias, o que seria demasiado pouco ou até entendido como algo negativo pelo fato de se criar uma circunscrição mais vasta do ponto de vista territorial e maior do ponto de vista do número de habitantes.

A unidade pastoral é uma oportunidade que tem de ser aproveitada para: potenciar as ações de evangelização em detrimento de uma pastoral de mera manutenção e conservação; estabelecer laços cristãos e relações interpessoais alicerçadas no Evangelho, em lugar do bairrismo potenciador da divisão; criar autêntica

comunhão eclesial entre as paróquias, capelanias, grupos e movimentos; desenvolver melhores meios de formação dos agentes de pastoral, dos ministros intervenientes na liturgia, dos catequistas das crianças, dos jovens e dos adultos; promover uma liturgia que seja maior expressão da fé da Igreja e melhor lugar de crescimento na espiritualidade cristã; fomentar meios de cooperação económica, administrativa e burocrática; promover a caridade organizada na Igreja.

Uma vez que a pastoral das vocações é transversal a toda a ação da Igreja, pois todo o cristão é chamado a seguir o Senhor segundo a sua vocação pessoal, a unidade pastoral tem a missão e a responsabilidade de ajudar os seus membros a fazerem um sério discernimento acerca da sua vocação na Igreja. Precisa, para isso, de constituir um serviço de acompanhamento das crianças, dos adolescentes, dos jovens ou de outros que estejam em fase de procura do seu caminho vocacional. De modo especial, promova as catequeses e os percursos vocacionais, a sensibilização das famílias para a questão da vocação dos seus filhos, a oração da comunidade pelas vocações, os retiros espirituais de tema vocacional. O serviço da pastoral das vocações da unidade pastoral, constituído pelo pároco e por leigos, será o elo de ligação com o Secretariado Diocesano da Pastoral das Vocações e com o Seminário Diocesano.

De acordo com as perspetivas apontadas pela Diocese na consulta efetuada em estilo de dinamismo sinodal, a unidade pastoral deve continuar a dar passos firmes e seguros como base da organização pastoral da Diocese.

Considera-se de extrema importância a promoção dos organismos de participação e corresponsabilidade já apontados noutras ocasiões como grande auxílio para que a unidade pastoral seja, de fato, expressão visível da Igreja Sinodal, na qual todos os membros têm um lugar ativo e se sentem a percorrer um caminho que é de todos. A criação do conselho pastoral e da equipa de animação pastoral, bem como a responsabilização das equipas coordenadoras de cada um dos sectores da vida da unidade pastoral estão entre as iniciativas centrais.

Vem depois a organização dos aspetos ligados à administração e à gestão dos bens materiais que, de acordo com o Regulamento de Administração dos Bens da Igreja na Diocese de Coimbra, devem ter um sentido e uma orientação comunitária, evangelizadora, pastoral e espiritual, para além de serem um sinal da partilha e da comunhão.

Uma vez que a unidade pastoral tem uma dimensão mais vasta do que cada uma das paróquias que a compõem, havemos de ter um especial cuidado com o acolhimento personalizado e com a integração dos novos residentes e das novas famílias.

Ao mesmo tempo, havemos de combater o perigo da massificação por meio da construção de uma relação equilibrada entre a grande assembleia e os pequenos grupos de evangelização, de catequese, de *lectio divina*, de pastoral especializada ou simplesmente de oração e de partilha de vida.

4. CONCLUSÃO

O Plano Pastoral da Diocese de Coimbra tem como grande finalidade definir algumas linhas programáticas fundamentais, tendo em conta a realidade presente da vida da Igreja e as suas maiores necessidades, sintetizadas nos três grandes objetivos.

A formulação de algumas estratégias pretende ajudar a ver com maior clareza pontos fracos da vida das comunidades que claramente precisam de um cuidado especial e apontar caminhos muito concretos a percorrer.

A definição das atividades deixa-se ao cuidado de cada unidade pastoral, a fim de que sejam as mais adequadas às necessidades e às especificidades de cada uma delas. Do mesmo modo o calendário e o programa concreto ficam ao critério da unidade pastoral, procurando-se sempre respeitar o calendário e o programa das realizações do arceprelado e da diocese, bem como a expressão da comunhão da Igreja.

Acima de tudo, importa tomar consciência de que o Plano Pastoral é um contributo para o crescimento da fé, para a edificação da comunidade cristã e para a santificação dos fiéis. Para isso, propõe um conjunto de meios e caminhos evangélicos que hão de levar a um verdadeiro encontro com o Senhor, que hão de ajudar a transformar interiormente o coração e a iluminar a totalidade da vida dos fiéis e das comunidades.

Mais do que nunca, precisamos urgentemente de sentir que a Igreja vive da graça do Senhor, que nos gera para a fé, nos faz filhos de Deus e nos fortalece por meio do seu Espírito para produzirmos frutos de transformação do mundo.

O crescimento espiritual de cada cristão e de cada comunidade, a adesão ao Evangelho, a encarnação da fé no coração e na vida, que também se pode chamar crescimento na santidade, fruto da comunhão com Deus, é o que havemos de procurar.

Como Igreja, temos o dever de proporcionar aos fiéis a possibilidade de crescerem na santidade por meio da adesão a Cristo e da vida no Espírito.

Consciente da maturidade eclesial e do espírito de abertura aos caminhos evangélicos de renovação da comunidade diocesana de Coimbra, confio-lhe o Plano Pastoral 2017-2020, esperando que os objetivos, estratégias, atividades e programas possam ser um contributo para a realização do grande plano de Deus, que é a salvação da humanidade por meio da fé como encontro pessoal com Jesus Cristo e com a Sua Igreja.

Dou graças a Deus pelo caminho de renovação que nos tem aberto e agradeço ao Povo de Deus da Diocese o grande testemunho de confiança que tem dado, quando acolhe com alegria as propostas que lhe são feitas pelo seu pastor. É, por isso, com renovada esperança que ponho este Plano nas mãos de todos, sacerdotes, consagrados e leigos.

A todos repito a exortação do Apóstolo Pedro, “Aproximai-vos do Senhor” e permanecei com Ele. A todos convido a sair alegremente pelo mundo e a trabalhar com fé e espírito apostólico para proporcionar à humanidade o conhecimento dos caminhos que conduzem ao mesmo Senhor.

Que a Virgem Santa Maria interceda pela nossa Diocese e que o Deus misericordioso nos abençoe.

Coimbra, 09 de agosto de 2017
Virgílio do Nascimento Antunes
Bispo de Coimbra